

Lições de vida e linguagens do amor

Lições de vida e linguagens do amor

O que aprendi em minha inesperada jornada

GARY CHAPMAN

Traduzido por Luciana Chagas



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2021 por Gary Chapman
Publicado originalmente por Northfield Publishing, Chicago,
Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C432L

Chapman, Gary D., 1938-
Lições de vida e linguagens do amor : o que aprendi em
minha inesperada jornada / Gary Chapman ; tradução Luciana
Chagas. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
160 p.

Tradução de: Life lessons and love languages : what I've
learned on my unexpected journey
ISBN 978-65-5988-118-5

1. Chapman, Gary D., 1938-. 2. Vida cristã. 3. Igrejas
batistas - Clero - Biografia. I. Chagas, Luciana. II. Título.

22-77492

CDD: 286.092

CDU: 929:277.4

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Adaptação de capa
Ricardo Shoji

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Biografia
1ª edição: julho de 2022

Sumário

Introdução 7

Seção Um

As primeiras influências, na casa em que cresci: 1938–1955

A vida numa pequena cidade dos Estados Unidos	13
Na escola	20
Na igreja	23
Lições que aprendi com meus vizinhos	29
A decisão que mudou minha vida para sempre	31

Seção Dois

A poderosa influência de minha jornada acadêmica: 1955–1967

A vida na cidade: Chicago e o Instituto Bíblico Moody	35
Lições que aprendi nas montanhas do Tennessee	43
Explorando a antropologia: Faculdade Wheaton	47
Lições que aprendi em Colorado Springs	51
Explorando a teologia: Seminários Batistas do Sudeste e do Sudoeste dos Estados Unidos	53

Seção Três

Lições que aprendi no casamento: 1961–Dias atuais

A jornada que resultou no casamento	65
O vagaroso percurso rumo à unidade	71
Um enorme passo adiante	79
Quando veio o câncer	83

Seção Quatro

A influência que recebi de meus filhos: 1964–Dias atuais

Não existem dois filhos idênticos	91
Pais e mães são mais velhos (e mais sábios) que os filhos	95
Reflexões motivadas por Shelley	98
Reflexões motivadas por Derek	100
Como aprendi a lidar com a ira	102
Lições que aprendi com Clarence, meu filho espiritual	105
Ser avô é divertido	108

Seção Cinco

Os desafios e as alegrias de minha jornada vocacional: 1967–Dias atuais

Superando decepções	113
O ministério universitário	117
O ministério com adultos solteiros	122
O ministério de aconselhamento	125
O ministério de escrita	128
O ministério de rádio	133
O ministério como conferencista nos Estados Unidos	136
O ministério como conferencista internacional	144

<i>Epílogo</i>	151
<i>Livros de autoria ou coautoria de Gary Chapman</i>	154
<i>Agradecimentos</i>	158

* * *

*Dedicado a todas as pessoas que, cooperando com Deus,
me ajudaram a compreender estas lições de vida.*

Introdução

Muitos de nós vivemos em tamanha correria que raramente paramos para refletir sobre o que fazemos, por que fazemos e para onde isso está nos conduzindo. Somos seres de ação, estamos sempre realizando algo, mas quase nunca reservamos tempo para refletir acerca das grandes questões da vida. Entretenimento, prazer e busca por felicidade se tornaram as metas de muita gente. Porém, até mesmo quando tais metas são atingidas, o espírito humano clama por algo mais.

Neste mundo permeado por tecnologia, a humanidade alcançou lugares nem sequer imaginados na época em que eu era criança. O acesso a conhecimentos dos mais variados está na ponta de nossos dedos. Somos a geração mais instruída de toda a história e, a despeito disso, ainda lutamos uns contra os outros como se fazia em culturas tribais antigas. Por quê? O que pretendemos conquistar? Para onde estamos indo? Essas são as perguntas que a nova geração se faz. E tudo o que nos cabe é torcer para que ela encontre as respostas.

Contudo, para aqueles de nós que se aproximam do final da jornada, também é tempo de reflexão. Tempo de olhar para trás e perguntar: Por onde andamos? O que realizamos? O que nos espera? Como cheguei aqui? Como me tornei quem sou?

Estando em campo já perto do término da partida, tenho dedicado tempo a me fazer perguntas desse tipo. Tenho olhado em retrospectiva para uma vida extremamente satisfatória.

São poucos os arrependimentos. Sinto-me muito abençoado e sensibilizado quando passo tempo meditando sobre minha jornada. Nas próximas páginas, compartilho esses pensamentos no intuito de encorajar quem acompanha minha trajetória.

Creio que, muito frequentemente, as gerações deixam de partilhar com aquelas que as sucedem a sabedoria conquistada por meio dos altos e baixos da vida. E, às vezes, as novas gerações deixam de fazer perguntas aos adultos mais velhos e de escutá-los. Na busca pelo ídolo mais recente, os jovens desperdiçam a sabedoria que está bem diante deles. Espero que minhas reflexões incentivem outros “adultos mais velhos” a refletir também. Independentemente de apresentar-se na

Creio que, muito frequentemente, as gerações deixam de partilhar com aquelas que as sucedem a sabedoria conquistada por meio dos altos e baixos da vida. E, às vezes, as novas gerações deixam de fazer perguntas aos adultos mais velhos e de escutá-los.

forma de um livro ou não, o registro de nossa jornada tem potencial para provocar enorme impacto em nossos netos e bisnetos. Oro para que os jovens adultos leitores destas páginas sintam-se motivados a procurar os mais velhos à sua volta e perguntar-lhes sobre a jornada da vida. É bem possível que desejem copiar os sucessos e evitar os fracassos das gerações anteriores.

Quero dividir com você alguns insucessos e alguns êxitos que tive na vida, bem como o que aprendi com eles. Também quero honrar todos que exerceram influência sobre

mim. Nenhum de nós se torna quem é contando apenas com os próprios esforços; somos influenciados por muitas pessoas e circunstâncias.

Eu jamais poderia planejar a vida que vivi. Não me entenda mal: eu fiz planos, mas a maioria deles não saiu como imaginei. Tornei-me profundamente consciente da verdade do antigo provérbio hebreu: “É da natureza humana fazer planos, mas é o SENHOR quem dirige nossos passos” (Pv 16.9). Aos 17 anos, eu já sabia que queria investir minha vida em servir a Cristo servindo às pessoas. Esse plano se concretizou, mas nem em meus sonhos mais ousados eu poderia imaginar como isso aconteceria.

Naqueles anos remotos, se alguém cogitasse dizer que eu passaria metade da vida aconselhando casais, eu provavelmente teria perguntado: “O que é aconselhar?”. A mera ideia de que eu me tornaria autor de mais de cinquenta livros teria ensejado a pergunta: “Por que eu escreveria um livro? O que afinal eu teria a dizer?”. E, mesmo depois de me tornar escritor, caso afirmassem que meus livros seriam traduzidos para mais de cinquenta idiomas, é bem possível que eu respondesse: “Você só pode estar de brincadeira!”.

Se alguém me dissesse que eu obteria diplomas de graduação e pós-graduação em antropologia, eu teria indagado: “O que é antropologia?”. Se falassem que eu alcançaria um título de PhD, muito provavelmente eu perguntaria: “Que sigla é essa?”. Eu me via concluindo o ensino médio e cursando a faculdade, mas pensava que, depois disso, me dedicaria ao trabalho.

Jamais sonhei que um dia seria levado a discursar no Pentágono, em Washington, D.C.; a falar durante um encontro de embaixadores americanos vindos de trinta países; ou a participar de um almoço em Londres com membros do Parlamento britânico, com os quais discuti como a igreja e o governo poderiam trabalhar juntos a fim de suprir as necessidades humanas de maneira mais efetiva. Tampouco imaginei que percorreria

mais de vinte países conduzindo *workshops* sobre casamento e vida em família. Além disso, certamente nunca me ocorreu integrar uma equipe eclesial durante cinquenta anos. Não, eu não conseguiria planejar o que vivi. E, sim, eu fiz planos, mas o Senhor dirigiu meus passos.

Nas próximas páginas, procuro apresentar as marcas deixadas pelas mãos de Deus enquanto ele usava as mais diversas pessoas e situações para realizar os planos que reservava para mim. O relato dessa jornada será pautado nas cinco principais influências que recebi. (Como você já deve saber, gosto do número cinco!) Vou compartilhar as lições que aprendi ao longo do caminho e mostrar como cada uma delas me preparou para o passo seguinte. Espero que essa partilha encoraje você em sua jornada com Deus. De igual modo, é bem provável que você tenha planos para sua vida, e isso é bom; mas garanta que esses planos estejam à disposição de Deus. Ele vai direcionar seus passos também.

SEÇÃO UM

**AS PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS,
NA CASA EM QUE CRESCI**

1938-1955

A vida numa pequena cidade dos Estados Unidos

O que vou compartilhar nas páginas adiante tem o propósito de dar a você uma noção de como era a vida nos meus tempos de criança, morando numa cidadezinha da Carolina do Norte com minha mãe, meu pai e Sandra, minha irmã. Ali passei meus primeiros dezessete anos, que exerceram grande influência sobre minha vida.

Depois de quarenta anos aconselhando casais e famílias, estou bem certo de que as crianças são fortemente impactadas pela família em que crescem. A dor emocional que mais me aflige é estar diante de pessoas que cresceram sem a presença do pai e/ou da mãe ou que tiveram genitores abusivos. Passei boa parte da vida tentando ajudá-las a romper com os padrões destrutivos que aprenderam na infância.

Aqueles de nós que cresceram em famílias estáveis e amorosas contam com uma notória vantagem na vida. E isso me deixa muito grato. Sam e Grace, meu pai e minha mãe, foram casados por 62 anos. Eles não eram perfeitos, mas foram um casal empenhado que amou a Deus e ofereceu um ambiente terno e seguro para Sandra e para mim.

Tudo começou em Kannapolis, na Carolina do Norte. Quando o bicudo-do-algodoeiro comeu toda a plantação de algodão na Geórgia, a família de meu pai deixou a fazenda para trabalhar na fábrica têxtil situada em Kannapolis, que, à época, consistia

no maior vilarejo da Carolina do Norte desprovido de governo local. Toda aquela área pertencia à tecelagem Cannon Mills, que, além de proprietária e locadora de todas as oficinas têxteis dali, era dona de todo o comércio e provia a comunidade de serviços policiais e de proteção contra incêndios.

Foi ali que Sam e Grace se conheceram e se apaixonaram. Em 1935, aos 23 e 25 anos, respectivamente, eles fugiram para a Carolina do Sul, onde se casaram. Nem os pais dele nem os dela souberam do casamento. Durante três meses, ele e ela continuaram morando com as famílias de origem, até juntarem dinheiro suficiente para alugar uma casa. Anos mais tarde, perguntei à minha mãe:

— Vocês fizeram sexo nesse período?

Ao que ela respondeu:

— Não. Só quando nos mudamos para nossa casa.

(A vida era diferente nos anos 1930.)

O médico informou à minha mãe que ela provavelmente não poderia engravidar. Apesar disso, ela orou e, no ano seguinte, em 10 de janeiro de 1938, eu nasci. Passados quatro anos, nasceu minha irmã. Mamãe sempre se mostrou grata pelos filhos que teve e, depois que eu soube do que o médico havia predito, percebi que a mão de Deus agiu para que viéssemos ao mundo.

Quando eu tinha 2 anos, nós nos mudamos para uma casa construída por meus pais em China Grove, cerca de seis quilômetros distante de Kannapolis. O nome da cidade fazia referência aos bosques de cinamomo que havia ali. Todas as minhas memórias de infância giram em torno daquela casa novinha, que custou exatos 5.016 dólares — e tinha até água encanada! (A vida era diferente nos anos 1930.)

Então, veio a Segunda Guerra Mundial. O irmão de meu pai havia se mudado para Syracuse, no estado de Nova York, a

fim de trabalhar numa usina siderúrgica. A promessa era que funcionários de “indústrias de defesa” não seriam convocados para o serviço militar. Meu pai preferiu dedicar-se à siderurgia a esquivar-se de balas; com isso, também nos mudamos para lá, onde permanecemos por apenas dezoito meses. A única recordação que tenho de Syracuse é que, no inverno, a neve acumulada ficava mais alta que eu. Tendo enfrentado invernos rigorosíssimos, papai resolveu que era preferível se juntar aos militares, razão pela qual retornamos para China Grove e ele ingressou na Marinha.

Pelos três anos seguintes, mamãe cuidou de nós sozinha e quase todos os dias escreveu uma carta para o papai, que estava alocado numa embarcação onde não havia serviço diário de correios. Mais tarde, ele nos contou que às vezes recebia um maço de cartas, que lia com avidez. De tempos em tempos, recebíamos uma carta dele. Recordo que Sandra e eu ficávamos escutando minha mãe ler essas correspondências. Ao final delas, papai quase sempre nos dizia: “Abraçam bem forte a mãe de vocês por mim e lembrem-se de que lhe devem obediência”.

Nossa casa era a terceira à direita numa poeirenta rua de faixa única que terminava na encosta da linha férrea. As casas ficavam bem perto umas das outras, e a vizinhança era amistosa. Meu avô morava na primeira casa com minha avó (que vivia acamada), a filha deles, Reba Nell, e o filho desta, Kinney. O tio Bob e a tia Hazel moravam na segunda casa e tinham dois filhos, Bobby e Darrell; a gente costumava jogar basquete no quintal de trás da casa deles. Aos sábados, rapazes da comunidade negra localizada a cerca de um quilômetro dali vinham se juntar a nós. (Eram tempos de segregação racial.) Sempre gostamos de jogar juntos, mas, quando a partida terminava, os rapazes voltavam para sua comunidade; nas segundas-feiras,

eles iam para a escola deles, e nós, para a nossa. (As coisas eram diferentes nos anos 1940.) Foi nessa época que se cultivou em mim a noção de que todos foram criados em condição de igualdade. Essa semente continuaria a crescer nos anos seguintes.

Atrás de casa havia uma ampla horta onde aprendi a cultivar batata, milho, vagem, abóbora, pepino, tomate, nabiças e pimentão. Em minhas recordações mais remotas, vejo-me ajudando meu pai a cuidar daquele espaço durante a primavera e o verão. A função de mamãe era cozinhar e enlatar tudo o que se produzia ali. (Ainda não havia *freezers*.) Eu passava parte do tempo trabalhando, e estou certo de que isso se refletiu em minha ética profissional, o que me foi muito útil. Nunca vi o trabalho como dever, mas como oportunidade de ser produtivo.

À esquerda da horta existia uma “cobertura para carro” que abrigava um veículo grande e dois depósitos, estes situados na parte próxima da horta. Num deles armazenávamos carvão, que, durante o inverno, era aceso no fogão para manter a casa quente. O outro guardava as ferramentas com que trabalhávamos na horta e aparávamos a grama. Tanto o arado quanto o aparador de grama eram manuais, ou seja, funcionavam com a força de nosso braço. (A vida era diferente nos anos 1940.)

Atrás da cobertura para carro havia o galinheiro, onde sempre mantínhamos ao menos uma dúzia de galinhas e um galo. Era eu quem costumava alimentar essas aves, dar água a elas e apanhar seus ovos. A gente comia muitos ovos recheados e sanduíches de salada de ovo. Atrás dali havia um chiqueiro que abrigava apenas um porco. Quando ele atingiu o “ponto de corte”, fizemos salsichas e costeletas; também guardamos sua banha. Desconheço o motivo, mas nunca tivemos outro — o que me deixou bastante feliz, pois jamais gostei de alimentar aquele animal.

Nos anos em que frequentei a escola, minha rotina era chegar em casa, comer um lanche e fazer a lição. Depois disso, se estivéssemos na primavera ou no verão, eu ajudava meu pai na horta. Já mais velho, aos sábados eu aparava a grama. Quanto às tarefas domésticas, minha irmã e eu dividíamos a lavagem das louças após o jantar; essa é uma função da qual ainda gosto. Aprecio a sensação de dever cumprido quando encho a lava-louças e vou à pia lavar vasilhas e panelas. Evidentemente, na minha infância não tínhamos lava-louças: tudo era lavado na pia e colocado sobre uma bandeja plástica, onde secava. Essa habilidade se mostrou bem útil em meu casamento, visto que a linguagem do amor de minha esposa, Karolyn, é atos de serviço. “Obrigado, mamãe, por me ensinar a lavar a louça. Você colaborou muito para que meu casamento fosse bem-sucedido.”

Quando o clima estava frio demais para trabalhar na horta ou brincar fora de casa, Sandra e eu brincávamos com jogos de tabuleiro. Uma ou duas vezes por semana, toda a família se reunia para ouvir as notícias do país transmitidas pelo rádio. Às vezes, podíamos ouvir algum outro programa também. Os únicos de que me lembro são *As aventuras do Zorro* e *A vida com Luigi*. Este segundo era uma comédia acerca das experiências de um imigrante italiano recém-chegado a Chicago. Ríamos todos juntos nessas ocasiões, e elas ainda compõem doces memórias de meus tempos de criança.

Caso você esteja se perguntando, em nossa rua ninguém tinha televisão. Em 1946, somente seis mil residências no país dispunham desse aparelho. Esse número subiu para doze milhões em 1951. Em 1955, havia televisores em metade das casas — obviamente, todos em preto e branco; a tevê em cores veio depois. Os primeiros em nossa rua a ter televisão foram tio Bob e tia Hazel, que moravam ao lado de nós. Isso foi em 1951,

quando eu tinha 13 anos. Recordo-me da primeira vez que, ao visitá-los, vi o aparelho. Foi difícil acreditar que estávamos vendo pessoas de outras regiões do país!

Pelo que lembro, foi só em 1953 que tivemos tevê em casa. Em geral, assistíamos ao canal CBS News e aos noticiários locais, transmitidos da cidade de Charlotte. Concluí o ensino médio em 1955, portanto a televisão não foi algo relevante em minha infância. Sempre me pergunto que influência as tevês e os computadores exerceriam sobre mim se tivessem sido parte da minha criação. Sei que pareço antiquado falando sobre os “bons e velhos tempos”, mas agradeço o fato de minha infância ter sido permeada de estudos, trabalho, brincadeiras e idas à igreja. Não precisei ficar traumatizado com notícias acerca do que ocorria no mundo, notícias essas que hoje são continuamente despejadas dentro dos lares. Eu estava sempre ocupado com afazeres.

Pais e mães que porventura estejam lendo isto, deixem-me incentivá-los a organizar a vida de seus filhos. Eles prosperam quando têm uma vida bem estruturada. Por estrutura me refiro a tempo para estudar, para brincar, para fazer tarefas domésticas, para se entreter e para dormir. Nos anos em que atuei como conselheiro, aprendi que crianças que fazem tão somente o que querem fazer e apenas quando desejam fazê-lo costumam se tornar adolescentes entediados. Crianças precisam ser guiadas, pois não sabem o que é melhor para elas. Pais e mães são mais velhos que os filhos e, na maioria dos casos, mais sábios. Uma vida bem estruturada dá à criança um senso de segurança. Não permita que seu filho passe todo o tempo livre diante de uma tela ou distraído com *video games*. Esse estilo de vida o acompanhará até quando for adulto, o que comprometerá o bem-estar dele.

Deixem-me frisar também o valor de estabelecer um horário para as crianças irem para a cama. Fico abismado quando

vou ao supermercado às nove e meia da noite e vejo crianças de 4 ou 5 anos fazendo compras com os pais. Mesmo que você seja mãe solteira, eu a encorajaria a definir um horário para seus filhos dormirem. No que se refere ao sono, as crianças precisam de padrões consistentes, pois, se não dormem direito, ficam com a saúde física e mental negativamente afetada. Estabelecer horário para os filhos irem para a cama também beneficia o casal, possibilitando que ambos concluem projetos específicos ou relaxem e aproveitem um tempo a sós.

Outra meta importante para pais e mães é ensinar às crianças habilidades para toda a vida. Eu nunca saberia plantar e cuidar de uma horta se meu pai não tivesse me ensinado. Recentemente, jantei com um grupo de jogadores de futebol profissionais acompanhados das respectivas esposas. Durante nossa conversa, discutimos o que acontece quando eles “passam da idade” de atuar em campo. Um deles disse: “O problema é que não sabemos fazer nada além de jogar futebol. Desde que eu era criança, o futebol tem sido minha vida. Não sei fazer mais nada”. E todos os outros concordaram. Propus que preparassem uma lista de tudo o que gostariam que seus filhos fossem capazes de realizar aos 18 anos e, na idade apropriada, lhes ensinassem tais habilidades.

Por muitos anos fiz essa recomendação a pais e mães. Se você tem filhos adolescentes, deixe-os ajudá-lo a preparar essa lista. É possível que você se surpreenda com o que eles vão sugerir. Há um antigo provérbio hebreu que diz: “Ensine seus filhos no caminho certo, e, mesmo quando envelhecerem, não se desviarão dele” (Pv 22.6). Assim, se seu filho(a) vier a se casar, sua nora ou seu genro vai elogiar você pelo modo como o(a) preparou para a vida.

Na escola

Quando voltamos para nossa casa na Carolina do Norte, eu tinha 6 anos. Com 5 anos e meio, ingressei no primeiro ano escolar em Syracuse; portanto, quando retornamos, eu já havia concluído metade desse ano letivo. Minha mãe e a direção da escola decidiram que eu estava pronto para cursar o segundo ano. Desse modo, sempre fui um ano mais novo que a maioria dos meus colegas de classe, e terminei o ensino médio aos 17. Toda manhã eu caminhava até o ponto de ônibus que ficava no cruzamento da Rodovia 29-A com a Estrada Mt. Moriah Church, onde embarcava com a turma da vizinhança rumo à Escola de Ensino Fundamental Landis. Utilizei o mesmo ônibus escolar durante todo o ensino fundamental e o ensino médio; as escolas ficavam próximas, perto da tecelagem Landis.

As lembranças da minha vida acadêmica são boas, com exceção das registradas no quinto ano, quando fui espancado pela Sra. Coffee. Não recorro o que fiz, mas jamais me esqueci da dor provocada pela pá usada por ela. (A vida era diferente nos anos 1940.) Tirando isso, eu gostava da escola. Sempre gostei de ler; no ensino fundamental, meu livro favorito era *Silver Chief, o cão do norte*, de Jack O'Brien. Eu quase podia ver a respiração dos cães e sentir o ar gelado. Talvez tenha sido naquela época que o gosto por aventura despertou em mim.

No final do ensino fundamental e no ensino médio, eu gostava de matemática elementar, mas nunca fui fã de álgebra nem